

***ENREDOS  
INTACTOS***

Livro 31

*Escritos do eu*

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial  
*Gilberto Strunck*

Capa  
*Dia Comunicação*

Produção gráfica  
*Dia Comunicação*



## ***RESGATE***

Isso de contemplar tudo o que posso na Natureza, me entretém, até a última lembrança, até a hora da partida. Recoelho as provas que me faltavam para criar livre e amplamente. Retomo o esquecido, tornado desuso, e em pouco tempo reúno os produtos obtidos, as vivências desligadas, as lembranças negadas. Colocando-me no papel de avaliador, pergunto-me se as tentativas, dadas por inspiração, terão o mesmo resultado que reunir por declaração ou ingênua intenção.

Uma retomada honesta colocaria meus interesses reunidos em um mesmo lugar, o passado enviado ao presente para receber os frutos e as homenagens que por mérito espera.

O tempo que tudo envolve mistura os espaços, promove um milagre contínuo. Evito envolvê-lo em misturas profundas que cubram de sombras o porvir, e de ideais, o acontecido. Lavo a memória, enxugo os olhos, aglomero palavras, fotos, sentimentos. Desta tentação não posso escapar. Fico exposto à alegria, ao contentamento. Apesar de tudo, preparo-me para fazer uso do meu direito de escapar da condenação e ser só na melancólica, escassez.

Não devia esconder minhas esperanças, visto que não há perigo de contágio. E sim endereçar meus escritos para algum futuro, esperando que uma prolongada ausência interrompa a falta de diálogos que desnivela falas e escutas. Lá adiante, então, alguém devendaria essas faltas e se faria ciente dos movimentos, das fontes, e reuniria as partes do espelho que se extinguiu.



## *A PRÓXIMA HORA*

Aguardo que se me revele desde onde essa dor incendeia minhas penas.

Coisas pouco cordiais, como o abandono, comprometem a vida. Ainda uso velhos argumentos, me apoio nas mesmas virtudes de sempre, me encarrego de neutralizar os exageros mais extremos para fazer jus a uma balança cravada no meu outubro. Ainda pratico o vício de ter saudade, uso lápis, borracha, me espanto enquanto cismo em recordar. Procuo um motivo antigo para manter alguma alegria, desenvolverei um jeito de

não ficar triste, inventarei corredores paralelos que escoem as mágoas. Busco, sobretudo, não desperdiçar a próxima hora, já que ela jamais será; farei do lugar em que moro, motivo para guardar na memória amores de todas as épocas.



## *ACEITAÇÃO*

Aceito os anseios. Faz parte da minha vida a luta para que a desgraça seja um agregado secundário. Cultivo a paciência. Penso profundamente nos meus sentimentos. Assim, o que poderia ser sacrifício, faz-se convicção, o amor radical.

## *TRAGO À LUZ*

Sempre pensei que a próxima solução poderia ser melhor. Comove-me a injustiça e tenho sempre o pressentimento de que o final dos injustiçados será infeliz, pois o abandono inventa alguém parecido ao humano, mais degradado, sem ajuda. Gostaria de imaginar como seria, se todos gemessem ao mesmo tempo o tamanho da dor.



## *CONTINUO*

Tento um caminho, busco repetir a vida conhecida, que me faz ver estrelas, pular o muro, sair das entrelinhas. Se não fosse autêntica a lembrança pensaria tratar-se de uma folia perdendo as margens. Limito-me a reabilitar uma satisfação valorizada. É benigno sentir o entusiasmo, o encanto que assegura ânimos à vida. Quero permanecer.

## ***OS TRAÇOS***

Procuro uma solução para minhas contradições. Um caminho que diminua minha perplexidade quando diante do espelho. As rugas seguem as mesmas, fiéis, combinadas com o tempo, que insiste em afundá-las no meu corpo. Ocupam-se do meu rosto como se ali fosse seu lugar natural.

Entre o que sei e o que sinto há uma aparência que ocupa um lugar nem sempre coerente com o meu corpo, nem com a forma na qual me identifico. Equivale a um espelho em que não me reconheço. Como uma coincidência, um artifício, uma reminiscência que chega impondo uma nova ordem: a mudança do traço ordenada como uma reprodução, uma cópia sem a textura original. O tempo toma conta, altera as formas, apaga a memória.



## *À DERIVA*

Estando à deriva, continuo até resgatar um sentido de existência que salve o doce gosto da vida, me tire da exaustão, do cotidiano que não acolhe. Entediado, transmito uma carga que não consigo evitar, não consigo evitar uma procura, uma razão que me tire a negação e me devolva a resistência. Busco algo que me harmonize, que responda ao que perguntei, somente isto, sem agregados desnecessários, informações não solicitadas.



## *ESTILO*

Amo enlouquecido, sem limites. Uma simples dor grava fundo, representa a tortura extrema, e um simples rechaço, um abandono total. Ausente de entrelinhas, sinto-me radical, extremado, reajo como meus ancestrais.

Transbordo nos meus amores exercidos em decorrência

de pífios arranjos. Organizo gentilezas, promovo uma feliz combinação entre imagens fúteis e agradáveis, sabiamente arranjadas. Recolhidas as lições, invoco iniciativas, transformo-as em impactos dignos de praticar disputas, de rivalizar com as lutas, de multiplicar os desejos. Lenta e minuciosamente realço encantos, substituo tudo àquilo que da essência não seja o principal.



## ***COMEMORO***

Preparo um tempo de comemoração, estimo a prevalência da alegria e do prazer, me integro aos consumidores da vida. Reforçarei as fragilidades para que elas se transformem, deixarei as principais respostas para depois, quando já não possa mais optar. Então, já nada será tão importante: eu, o que fiz, o que deixei de fazer, o que pretendi, o que alcancei, os propósitos, as consequências, os erros e os acertos, a razão e os atos. Cansei de viver no regime de consultoria permanente,

falta-me tempo para revelar tudo o que deixei de fazer, devo devolver-me o terreno invadido, dar-me o direito de posse aos meus pedaços renunciados.



## ***BALANÇO***

Busco decidir minha relação com a vida sem que as decisões daí decorrentes me comprometam com qualquer posterioridade. Uma vontade dominante dirige minha fantasia, tornando-a uma norma mutada.

## *O SAL DAS LÁGRIMAS*

Inunda-me o sal das lágrimas. Levo o amor reluzente como se acabasse de ser inaugurado.

Insuspeitos efeitos movimentam em mim algo novo para dizer coisas importantes e triviais, privilegiar o olhar que acompanha qualquer afirmação e reitera a convicção do valor guardado.



## *INGENUIDADE*

Ingênuo, abrigo uma vida intacta, fresca, pueril como uma bem-aventurada fantasia inaugural. Um caso de amor em desuso me faz suportar uma vida sem novas paixões. Embora eu tente me convencer de que a minha vida me pertence, que ela faz parte de mim, passa acontecendo e produzida, quase alheia. Assisto mais do que a acolho. Invento mistérios que disfarçam minhas vantagens.

## ***DEPOIS***

Depois das fachadas, da tristeza que a máscara esconde, porto um rosto que não sabe onde se guardar. A humildade não cabe nas gavetas, a identidade segue a mesma, não cabem nos arquivos as declarações. O olhar em vão busca um caminho definido, mas se perde por aí, já não há mais cabelo para cortar a cada lua cheia, e o que era mágico perdeu o poder. Um antigo sentimento, dou por perdido sempre que chove. Do frio me esquivo, no calor me resfrio. Depois do reconhecimento, nada foi confiscado, a não ser o tempo que arrastou a pele lisa e a esperança enlouquecida que tudo podia.

## ***AMOR-MENINO***

Invento um amor-menino, recém-feito, ainda meio criança. Diz tudo o que pensa, se assusta com a falta de controle, com o eco que a provoca, cresce até perder-se fora das margens do corpo que já não o retém. Intenso, pula no peito, procura nos espelhos o rubor que acalora no frio. Vive espantado de ver que repentinamente acabou o colo, a total proteção, as justificativas. Inunda-se de segredos e de uma força que me domina aonde quer que eu vá. Esse amor começa um mundo novo neste mundo que ainda não terminou, revisa as minhas datas, que mudam rápido, sem motivo.



## ***OPÇÃO***

Vivo as coisas serenamente sem saber se isso é o amor; temo perder tudo por ignorar esse temor.

## ***NEGOCIADOR***

Morte! dá-me um tempo, atenda-me. Reivindico o direito de mais uns sonhos, vários sustos. Ouça-me para saber tudo o que ainda quero viver. Olha meu calendário, escuta o inédito verso que adio escrever. Estendo e negocio com o tempo: faço de tudo. Brinco de ser capaz de enganar o meu destino, tento me perder da hora de ser convocado a ir, promovo uma desesperada arrogância. Apresento documentos alheios, mantenho os versos inacabados. Medio uma criação ocasional para negociar um pouco mais.



## ***A VIDA***

Saúdo a vida que me cerca por todos os lados. Libero-me para perdoar a todos. Comparto a criança que fui, aquilo que me ensinaram naqueles tempos idos, que ficou eterno dentro de mim. Minha história confirma o que a minha vida de todos os dias me diz; feito o

sim dos meus pais, o sim da minha terra, o meu sim a contragosto, o meu sim do desgosto, todos os momentos em que me respeitei, desrespeitei. Deixo de lado os detalhes que fizeram o complemento porque não regi a orquestra que me fez ser quem sou. Insisto em reprisar o que acolhi e que cuido como o melhor de mim, embora com algumas discordâncias. Tudo passa por uma soma de ingenuidades superpostas que acredito eternas. Nego, por ingenuidade, que as tempestades possam derrubar o futuro de muitos, imagino que os que me cercam estão avisados das catástrofes. Guardo fundo, muito dentro de mim, o singular do que assisto.



### ***MEUS SENTIMENTOS***

Mais cedo ou mais tarde meus sentimentos sempre revelam quem sou, o que penso, dizem tudo por mim. Entre uma decepção e uma alegria eles passeiam por dentro e por fora, pondo-me à prova, parecendo que em um instante tudo se acaba ou tudo se inicia. Como



afetos, eles terminam com a minha calma diante de um simples susto, ou se esquecem de avisar-me do perigo no pior da crise e me abandonam simplesmente à própria sorte. Meus sentimentos motivam a minha inspiração, favorecem alguns momentos; logo jogam xadrez com minha tolerância, se impõem como uma exaltação na quietude. Derramando ingenuidade na minha experiência, fazem-me revelar a última promessa que não me interessava haver feito. Era justamente isso que eu jamais poderia esperar que meus sentimentos revelassem, logo eu, agnóstico convicto, fazendo malabarismos com crenças altamente duvidosas que me roubam as metas. Justamente quando facultei habituar-me a ser cético, o desespero me fez esquecer da própria convicção. Ciente das tantas contradições que apresento, sinto-me vários. Permutando razões, busco justificativas para aceitar-me, ora em meio a um drama, ora diante de uma efêmera felicidade, disputando um privilegiado e destacado lugar, como se a aceitação fosse o combustível do meu sentir.

## ***TANTOS VAZIOS***

Coloco em tempo de espera meus adiados sonhos, enfrento um vazio que me afunda, quase pretendo uma disposição do infinito para crescer sem o tempo. Desprendo-me do corpo que me aprisiona. Poderei mergulhar consistente em algo tão mal conquistado? Confirmo que ficarei em um lugar inabitual, improvisando um estado de espírito que dê abrigo temporário a alguma instabilidade que me venha tirar satisfação. Não bastará uma invenção trivial para o desafio que cerca de tudo o que exige sustentar uma vida.

Ainda convenço, quase nunca desisto, me inclino a participar, às vezes sem optar, quase figurante, distribuo falsas espontaneidades, incluo os metros no relógio e os ponteiros na direção do vento. Fico assim, sem rumo, instável, perturbado com a velocidade do tempo.

## ***FORO ÍNTIMO***

Aguardo um momento propício para salvaguardar o espanto que me causa o abuso de poder. Tento ajustar no foro íntimo uma tolerância esgotada que, insistente, pois ainda fecunda advertências. Não aprendi de memória se o que me confunde é não recuperar uma lembrança rarefeita ou o propositado esquecimento que colabora, borra, inutiliza o que eu penso como coisas minhas.

Difícil é manter o coração puro quando uma fadiga provoca o esvaziamento do sentido de pertencimento. Não alcanço ser delicado com a decadência a que o poder leva, tal a frequência; gostaria de afrontá-la, mas não disponho da bondade quando me importuna este escuro, com seus domínios impostos. Recuso-me a conceder esta tolerância.

A chave da minha casa ainda me pertence. Não repetirei enganos, esquecendo nomes, aguentando, enquanto perco a direção da minha razão. Minha vontade é de abrir todo o óbvio ocultado, não aceito e não me inclino às falsas esperanças, à manipulação das palavras que gravam na minha alma angustiada um pedido de paciência em meio ao meu desespero.

Há gente capaz de viver o pior como se fosse alheio; para mim, o pior é o que não quero que me aconteça. Ele vem como uma reprovação, lança âncora em terra firme e me joga sem boia no mar. O pior é que o abuso de poder não me dá o recurso da ajuda, antes, corrói minha unidade, apaga a luz.



### ***ÚLTIMO MOMENTO***

Quando a última saudade desaparecer, as raízes serão expostas e meu ciclo acabará. As dúvidas e as certezas estarão niveladas, e direi tudo o que pensei e não disse, sem maiores consequências. Propiciarei declarações, farei, de um modo íntimo e convicto, com que a escuta saiba que não guardo mais nada no fundo, que ali estará sendo tudo dito, que ali se acabam os significados, os símbolos, e que os afetos carregados como troféus e como cruzes ficarão ali depostos. Desvestirei meus sonhos, que darão uma dimensão de tudo que imaginei e almejei. A dura sensação da ausência de futuro será

uma vitória sobre o tempo que já não precisará de domínios, ausentificado pelo momento que não será contínuo. Fechada esta ponte, já não terei acesso ao amanhã. Convocarei aqueles que tenham algo a dizer e partirei na experimental viagem sem respostas.

Sentirei falta da dor que não comparecerá, e, despojado do medo, não sentirei nem frio, nem calor. Dispensarei assistências, calarei aquele discurso que gostaria de ter feito diante de todos os quem amei, reafirmando tudo aquilo e muito mais que deixei de dizer. Não poderei evitar o olhar, pois me tocará ser o personagem principal de uma cena incômoda. Esta experiência sem rascunhos assim se exige por não aceitar ensaios. Então, abandonarei todos os pressentimentos, os sustos; não aceitarei os atrasados, dispensarei os mal-humorados e proibirei consolos. Isso será tudo. Como a solidão já não terá importância, uma serenidade incomum me fará saber que aquele silêncio é um estilo privado, individual, indesejado entre a ternura e a fúria, convocando-me a partir. Ainda que tendo aprendido tantas coisas, não saberei como fazer; parar de respirar? Fechar os olhos para não mais ver a luz? Beijar a todos, sorrir para disfarçar minha decepção de ter que ir? Será imprudente não esperar nada? Ou

que alguém reja o ato final? Que algum ponto me diga o texto, que a minha assinatura fique legível, e que minha foto e meu inventário sejam publicáveis.

Ainda aqui estou. Depois, o nada, absolutamente nada.



## *ÂNSIA*

Que ânsia é essa que me impele a querer encontrar em ti tudo o que desejo? Se já sei que todos os traços marcantes da beleza se refugiaram em ti, por que acabo sempre não fazendo mais do que repetir o quanto me encanta olhar-te desde a primeira vez. Reparo que, cada vez que debruças teu recato no chão que pisas, me despertas um desejo de viver infinito, mesmo disperso, transformado no que seja, para saber o caminho e voltar a te encontrar, pouco importa quando, nem como.

Nesse encontro, poria cores nas penas e, rompendo as tréguas libertaria a melancolia para que ela partisse, não teria mais por que acreditar que o amor não possa dar amostras, confiança e recompensa. Sei que a cada

retorno voltarás mais bela, mais terna, e que logo me abrirás teus mistérios para que, em minha dedicação, eu me ofereça para desvendá-los. Parecerei incomum, não haverá explicação possível para entender o quanto me conservei convicto e inteiro entre a tua ausência e o teu retorno, nutrido do sentimento que me confirma. Lá estarei, incluindo-me para cuidar do que te falta.



## ***PRETENSÃO***

Vejo-me tentado a iluminar o meu olhar. Ele explora todos os ângulos em um exercício de procurar-te. Tento preencher as lacunas, atingir o máximo da visão até captar a cor da alma, o reverso da intenção, até provocar várias versões, contar meu sentir de todas as formas, constatar a variedade, a diversidade, o movimento que me cerca. Evoco uma compreensão para as aparições imaginárias que te trazem. Constatato o quanto isso me move para facilitar a definição, se ela é começo ou fim. Passo em revista que eu fui para

ti, principalmente quando fui aquele que manteve uma distância para que os afetos fluíssem. Meu desafio é segir sendo um adepto do concreto, de virtual me basta minha imaginação, que sempre me “deixa a ver navios”. Quero fundir-me, exagerar, emparelhar-me com meu desejo, ser fiel à tua convocação, gozar das vantagens de estar vivo. Não é por acaso que estou aqui. Torno habitual esse buscar-te sem fim. O que deveria ser um grande amor segue sendo uma procura. Estou impregnado de uma curiosidade infinita que me nutre o prazer de enumerar todos os bens que estou conhecendo enquanto o amor que sinto vai assumindo outras formas.



## ***CONSENTIMENTOS***

Confiro, no fundo do meu coração, o que a razão não alcança ver. A vida imprime e reúne, sem ordem, a aparição de pessoas vindas dos mais diversos lugares, histórias se cruzam, alternam confrontos e decepções, esperando a hora do encontro.



## *TRAGO AMOSTRAS*

Venho de uma linhagem que decidiu seguir desarmada frente ao amor.



## *CONFIRMAÇÃO*

A fim de esclarecer, o caminho percorrido foi computado. Assumo a pertinência das virtudes e dos vícios. As consequências de ambos são exatamente as mesmas. No ponto a que cheguei basta saber que os sentimentos são autênticos, embora eu não esteja conforme com todos eles, pois alguns desafiam minhas intenções, que resultam em outras coisas mais complexas e obscuras. Escapam como ofensas descontroladas, reduzindo-me a ser incompatível com a ideia de estar desvinculado, desenraizado, procurando uma solidão grotesca. A vida tem caminhos que afundam, que levam a regiões difíceis de explorar. Tantos são os que fui que quase não me reconheço como legítimo; desconheço o que

mais desejo, adoto uma indecisão justa para afetar-me o menos possível. Trato de declarar que tento dar sentido a uma história que vivi, autêntica, afirmo que foi o melhor que se pôde fazer. Sem ostentação, confirmo ser esta a forma de dizer que este sou eu, convicto, inconsciente, fanático, querendo unir embora separe. Permanentemente tentado a gritar o que calo, única forma de uma ajuda compensatória para reintegrar-me autêntico, protegido de mim mesmo.

Proponho sempre novos começos, tento ser capaz de mudar. À margem da arrogância que adquiri, creio ser mais prudente admirar-me quando insulto menos. Trato de encontrar ações mais eficazes para expressar-me. Não saberia fingir, fazer de conta que nada passou. Ainda estou por aí, persisto. Não me aceito reduzido ao anonimato, condenado a ser esquecido.

## ***A VIDA ME ORDENA***

Não deixei nada por acaso, ainda que ocultas as intenções. Perdi pedaços pelo caminho, renunciei a algumas recordações que apertavam as feridas. Juntei minhas mentiras somadas às verdades, dando por reconhecido o total de mim. Conto tudo. Estando tão distante daquele que fui, já não sei se esse meu viver foi verdadeiro como uma realidade, ou autêntico como um sonho. Continuo a existir. Atrevo-me a pisar lugares históricos. A vida me ordena um futuro sem pressa. Também me sugere degustar cada saudade, cada lembrança porque elas me sustentam.

Depois que o tempo se impôs e a jovialidade se calou, a mesma natureza exuberante que me fez quem sou dá-me a tolerância para saber caminhar em direção ao meu destino e, se possível, sem deixar a tristeza se aproximar demasiado. Combinando o oxigênio e a ânsia, busco fôlego. Ensurdeço às palavras piedosas e componho ensaios enquanto possa fazê-los.

## *A DELICADEZA*

O amor, como a delicadeza, causa estranheza aos que não estão acostumados. A delicadeza costuma contar com o entusiasmo, gosta de ser usada como promotora da união. Ela é capaz de expulsar as desistências, produzir esperanças agudas e penetrantes. Salva apenas com um punhado de estímulos o vazio da solidão. A delicadeza promove a calma nos que reagem à sua presença. Convida os homens a se entregarem de corpo e alma, voa com sonhos simples porque se renova, apresentando-se como nova para as antigas esperas. Ela acorda quem está dormindo e assusta com a calma que promove. Em silêncio, ela se instala, faz mais rigoroso o compromisso porque cria todas as formas do amor se expressar. Faz rir, chorar, sonhar e sofrer. Faz pousar os sonhos mais ousados nos autores, dando seguimento à vontade de estar junto.

## ***EMPENHO***

Se tivesse aceito a tristeza instalar-se na minha vida, seguiria o destino de muitos que veem a vida passar achando que ela não valeu a pena. Tão áspera quando não se faz suave, tira o gosto, na carência excessiva ultrapassa a alegria para instalar um descaso com tudo aquilo que foi vivido.

Não me resignarei, viverei todas as fugidias alegrias, pouco a pouco instalarei uma nova sensibilidade que me deixará pronto para não trair aquele que sou, que ama, crê, incluído. Quero ser parte do mundo, viver aquilo que todos vivem, tirar a excepcionalidade dos meus atos ou tudo o que me acontece. Aceitar-me comum, acabar com a arrogância que me faz crer que a minha dor é a mais profunda e minha decepção a maior. Deixando de lado a minha estreita opinião, vejo que a visão do mundo é bem mais construída do que tudo o que acredito. Busco as pequenas histórias que me construíram, me encontrei um tanto diferente.

Tantas vezes recusei-me a renunciar esta lucidez. Mais surpreendente é considerar que a vida está sempre me esperando para que eu a tome, para de me omitir. Identifico contradições, desconcertos, e embora me

esforce, não sou suficiente para compreender por que quase nunca são suficientes as bases do que conheço. Denuncio ter sentimentos profundos, fui ao fundo da alma até encontrar um vestígio que o esquecimento enterrou.



## ***O VIVER***

Vejo que de esperanças me mantenho. Mantenho minha crença, lealdade e convicção. Embora meça as palavras, procuro dizer o que acho que devo, manifestando uma indignação sem fim e um amor enorme. Cansei dos movimentos que andam sem avançar, tento não permanecer na mesma posição. Ai! quem me dera encher-me de admiração. Me encanta a versatilidade da natureza que varia cores, movimentos, sem adular as aparências, autenticando o que sustenta.

As dores são efêmeras e a vida permanente. O lugar de partida e de chegada mais objetivo facilita o viver.

## ***QUANDO***

Torno-me benévolo quando o mel me é despejado na carne e no osso, quando a paz que quase nunca tenho entra em mim como o ar de que necessito. Torno-me benévolo quando original posso ser, sendo eu quem sou; quando despeço-me dos personagens que fui e que hoje não mais me representam, e me dou novos direitos às relações com as pessoas; quando a realidade é feia e eu a aceito, quando o espírito tem duas caras e eu as tolero, estendendo minha tolerância aos arrogantes. Benévolo sou quando omito ser o samaritano que doa o sal e poupa a ira, aquele que ama sem o reconhecimento, faz-se anônimo ao mérito, dispensa o troco; quando reparto o patrimônio, quando aceito de segunda mão como eu se fosse de primeira, quando, entre extensos discursos faço silêncio ou digo uma só palavra, a que sintetize e seja valiosa. Benévolo sou quando guardo em segredo a confissão e a desgraça, quando recopilo histórias. Aceito que me dominam os afetos profundos, me escondo por detrás das angústias, faço minhas margens estreitas e me viro do avesso. Tolerero meus medos e minhas mãos dormentes, recebo o sofrimento alheio; à dor dos

outros empresto-me, como um aficionado, a oferecer sossego. Benévolo sou ao tentar tornar a idade mais confortável, seguir dando chances da esperança ficar. Quando me disposto a começar novas obras. Benévolo sou quando abraço, falo, ofereço o olhar que reconhece, estendo a mão que estima, estico o infinito, concedo direito ao silêncio, estampo beijos, me inclino nestas sutilezas a fazer coisas dessa índole. Sinto-me bem sendo benévolo, é quando caio nas graças da minha boa vontade, instalo a paz da hora seguinte, entro nela com um certo encantamento suficiente, sem excessos. Sou benévolo com a intenção de ser contente comigo e com o mundo, é quando tenho uma ideia de compor uma vida que recolha coerência e sensibilidade. Reunidos os caprichos, consulto todas as pessoas, investigando onde encontrar a origem da fonte.



## ***TRAGO COMIGO***

Trago comigo uma coleção de lembranças guardadas a sete chaves. Sonhos que frequentei, lugares que já não existem, acabadas alegrias outrora correspondidas. Reúno novas estrelas para cobrir meu céu. Quando não me resta outra possibilidade, saio por aí, concordo em ir para fora de mim. Entre uma conciliação e uma resistência combino ficar de acordo com a realidade. Acordo nada responder até que minha sensibilidade adormecida não se ponha triste a ponto de não suportar a si mesma. Combino lembrar dos sonhos que logo esqueço, abandono-os para o passado, que coleta os perdidos. Aceito que cada um deles tome um rumo e se perca no tempo que escoo rápido.

Perdi a agilidade de lembrar, me falta multiplicar essa vontade de sair voando por aí. Persiste uma novidade que anuncia ter um novo sentido para tornar o efêmero definitivo.

## ***DESEJO DE AMAR***

Se logro fazer-te conhecer meu amor, lutarei para caminharmos juntos, buscando despertar-te vocações para fazer valer minha companhia. Entendo ser necessário produzir uma radical mudança, até sentir ser tributário de um amor com méritos. Assumo um compromisso contigo: ampliarei minhas fronteiras para que caibas nelas, evitarei conflitos bélicos, daninhos e ilegítimos, não te excluirei, farei esforço para que o processo de conquistar-te siga vigente todos os dias, repartirei humildades para reconhecer meus erros e teus acertos, calar meus ciúmes excedentes. Forjarei o cotidiano para instalar nele uma harmonia cálida, onde, protagonistas, construiremos nossa história e memória. Oferecer-te-ei minha palavra para acalmar-te o medo. Serei um futuro com consequências, um repertório de esperanças que vão pôr em fuga as frustrações. Tratarei de ser generoso, aumentando a façanha de conquistar-te. Eu não sei por que quis fazer-te minha; servo do meu desejo, construo um mundo que me tire do vazio que adia a tristeza definitiva. Quero amar-te desde meus amores mais antigos e mais profundos, para que eles unam peles e almas, reciprocidade e acolhimento.



Roberto Curi Hallal

